

O Homem Psicológico

Dalmo Duque dos Santos

“A não-violência é o primeiro artigo de fé. E também o último artigo de meu credo. Mas tive de fazer a escolha. Ou submeter-me a ela. Ou submeter-me a um sistema que considero um mal irreparável para o meu país, ou incorrer no risco de que o furor do povo irrompesse ao ouvir a verdade de meus lábios.” – Mohandas Gandhi.

O advento do sexto ser já é visto equivocadamente como a realização plena da Humanidade, isto porque os seus protótipos se destacaram pelo alto espírito de altruísmo e desprendimento dos interesses materiais. Na verdade todos esses seres experimentaram uma intensa luta interior entre o ego e a personalidade. Muitos deles, embora não demonstrassem, ainda identificavam em si mesmos alguns resquícios da presença do grande inimigo da evolução espiritual humana: o egoísmo. Obviamente com um senso auto-crítico muito mais aguçado, já tratavam essa tendência pessoal de forma mais harmônica, com uma aceitação tão convicta que pareciam ter completo domínio sobre o problema. O Narciso que traziam dentro de si há muito já agonizava e dava os últimos suspiros no esforço derradeiro de sobrevivência. Não podiam mais resistir ao impulso da transformação que movimenta o mundo interior dos seres. Mesmo assim, essa auto-admiração, que era vinha sendo tratada com muito rigor, não merecia o desprezo que normalmente damos aos nossos defeitos nem a bajulação que damos às nossas possíveis virtudes. Ao perceberem alguma reação ou atitude que lembra o comportamento egoísta, geralmente numa situação altamente contraditória e de prova, esses seres buscam imediatamente o refúgio na humildade e na humilhação. Para eles esses são antídotos tão naturais e infalíveis como qualquer mecanismo de defesa adotado pelas formas vivas mais primitivas até as mais sofisticadas. Se a presa animal se paralisa bruscamente para frustrar o ataque do predador, o ser humano brando e pacífico geralmente desarma o seu agressor adotando uma inesperada forma de reação ao gesto agressivo e contundente: o amor e o perdão. Para desenvolver essa habilidade intrapessoal é necessário muito esforço para impedir que o Ego se manifeste antes da personalidade. Trata-se de um controle obtido por esforços repetitivos, até que se transforme numa reação natural e não mais planejada. Como bem explicou e exemplificou Santo Agostinho, é assim que um defeito se transforma numa virtude. Os grandes inimigos do ser humano da Era Digital é o **narcisismo** e o **niilismo**. O excessivo culto ao Eu e indiferença párea com a espiritualidade são os novos vírus mentais que o afastam da experiência transcendental. Porém, livre dos exageros do ascetismo hipócrita ou das metodologias complexas da auto-ajuda, o ser humano atual pode trabalhar essa mudança de forma mais inteligente e prática, com a mesma simplicidade com que os mais antigos faziam. Humildade e humilhação não significam senão uma aparente anulação de si mesmo. Como nos ensinou um sábio Espírito, humildade é

obediência, que é “uma concessão da razão”, e a humilhação é a resignação, “que é uma concessão do coração”. Para fazer essas concessões é necessário ter muita coragem e disposição para vencer o mundo vencendo a si mesmo. Essas vitórias se dão através do amadurecimento gradual da consciência, fenômeno psicológico cuja duração depende da potencialidade de maturação do ser. Para uns são necessárias muitas existências para que ocorra a transformação essencial; para outros, basta uma.

Jesus viveu numa época em que o racionalismo greco-romano ainda era a marca dominante da civilização ocidental. Mesmo tendo nascido e vivido numa sociedade teocrática e reforçada pelo monoteísmo, ele manifestava características do Homem Psicológico que começa surgir no Terceiro Milênio e, em determinados momentos, as de um Sétimo Ser, cujas experiências já haviam ultrapassado os limites humanos conhecidos não só naquela época como também ainda hoje. Encontramos outros seres nessa condição em plena Idade Média, como Francisco de Assis. Dos apóstolos de Jesus, João Evangelista já possuía tal perfil psicológico, condição que lhe permitia a manifestação de diversos tipos de percepção extra-sensorial ou habilidades mediúnicas. Isso mostra que a evolução da consciência humana não seguiu rigidamente uma linearidade histórica obrigatória, e sim caso a caso, revelando que alguns seres mais avançados poderiam realizar tais experiências em outros mundos. No mundo contemporâneo, especificamente no século XX, encontramos vários protótipos desse Homem Psicológico.

Mas o que é a sensibilidade metafísica senão uma tecnologia mental, reflexo da evolução espiritual? Mesmo em casos de prova, em que seres ainda atrasados são portadores provisório dessa faculdade, não se trata um conhecimento que vem sendo utilizado como ferramentas de atuações múltiplas como a pesquisa científica, para a cura de males físicos e psicológicos, para o exercício da arte e ajuda ao próximo? Muitos filósofos da pós-modernidade, sobretudo o canadense Marshall McLuhan[29], celebraram os sinais do futuro como sinônimo da tecnologia cibernética. Sua teoria de que as máquinas são extensões do corpo humano ganhou mais força ainda quando a micro-eletrônica deu seus primeiros passos nas décadas de 1950 e 1970. Se a roda era uma extensão dos pés e inúmeros outros equipamentos exerceriam o papel dos braços e dos olhos, o advento do microcomputador certamente seria a estrela da apoteose tecnológica pois este seria o perfeito substituto do cérebro. Já entramos na Era Digital e a informática segue na sua missão de impor-se como peça essencial da inteligência artificial. Há dúvidas quanto a isso, sobretudo porque ainda permanece no ar e no calor dos debates científicos a diferença entre o cérebro e a mente. É uma discussão tão inútil e infantil quanto o debate entre criacionistas e evolucionistas, cujas posturas limitadas distorcem o debate para rumos ideológicos, como se essa questão fosse exclusivamente um problema de guerra entre o darwinismo ortodoxo e o cristianismo fundamentalista. Como discutir e debater de forma inteligente esse assunto se os fenômenos psíquicos são dogmaticamente rejeitados pela chamada comunidade científica? No cerne de problema está a mediunidade, uma faculdade mental ou cerebral, não importa, que existe, que se mostra pelos fatos públicos e notórios, mas que ainda não consegue ser digerida ideologicamente pelo orgulhoso homem contemporâneo. Admitir a

mediunidade é o equivalente a admitir que somos essencialmente iguais aos mais selvagens e primitivos seres humanos do passado, também dotados dessa faculdade de percepção extra-sensorial. Para os membros da aristocracia acadêmica é inadmissível que um ser civilizado como o homem da Era Digital, portando dons sensitivos, tenha um comportamento semelhante aos supersticiosos membros de uma sociedade tribal. Esquecem os pretensiosos cientistas que, tal como a tecnologia material, a tecnologia mediúmica também veio sofrendo transformações desde os tempos primitivos. A mediunidade mágica e totêmica evoluiu para as profecias oraculares até chegar à fase atual na qual suas manifestações representam uma enorme diversidade de características, de acordo com o grau de inteligência e sensibilidade do seu portador. A extensão tecnológica do cérebro não se encontra nos equipamentos de tecnologia material e sim nas possibilidades energéticas e nas habilidades psíquicas dos médiuns. Trata-se, como foi e vem sendo cansativamente pesquisado e ensinado pelos pesquisadores do Além, de uma faculdade inerente a todos os seres humanos cuja potencialidade só depende de treinamento e uso adequado. Ela tanto pode ser utilizada grosseiramente como uma enxada no uso da terra, como ainda fazem os feiticeiros tribais, como pode, de forma sutil, semelhante à transmissão digital, promover a troca de idéias pela intuição e telepatia. Em a “Grande Síntese”[30], obra lida e elogiada por Einstein, a inteligência espiritual (Sua Voz) que inspirou o autor Pietro Ubaldi assim se expressa quando fala do futuro da mediunidade e das possibilidades humanas nesse terreno da tecnologia mental:

“Não vos atemorizeis esta incompreensível intuição. Começai por deixar de negá-la e vos aparecerá. O grande conceito que a ciência afirmou (embora de forma incompleta e com erradas conseqüências), a evolução não é uma quimera, e impulsiona vosso sistema nervoso para uma sensibilidade sempre mais apurada, que dela é o prelúdio.

Assim, é que esta psique mais profunda se manifestará por força da lei natural da evolução, por via de uma fatal maturação que está próxima. Deixeis de lado, para os fins da vida prática, aquela outra psique exterior e de superfície, que é a razão, porque tão-só como esta psique interior, que está na profundidade das coisas. Somente esta é a estrada que leva ao conhecimento do absoluto. Somente entre semelhantes é possível haver comunicação e, para compreenderdes o mistério que existe nas coisas, deveis saber descer ao mistério que está dentro de vós.

Isto não o ignorais totalmente. Olhais aturdidos para tantas coisas que afloram de uma vossa consciência mais profunda, sem conseguir encontrar-lhes as origens: instintos, tendências, atrações, repulsões, pressentimentos. Aí nascem, irresistivelmente, todas as maiores afirmações de vossa personalidade. Ali encontrareis o vosso Eu verdadeiro e eterno, que não deveis confundir com o Eu exterior, aquele Eu que é filho da matéria e com a matéria morre. Este Eu exterior, esta consciência clara expande-se no contínuo fluxo da vida, aprofunda-se em busca daquela outra consciência interior latente, que procura emergir e relevar-se. Os dois pólos do ser, consciência exterior clara e consciência latente, tendem para a fusão. A consciência clara experimenta,

assimila, imite na late nte os produtos assimilados através do movimento da vida: destilações de valores, automatismos, que constituirão os instintos do futuro. Deste modo, por estas permutas incessantes, a personalidade expande-se e atua-se a grande finalidade da vida. Quando a consciência latente houver ficado clara e o Eu conhecer-se todo a si mesmo, nesse dia o homem terá vencido a morte. Teremos ocasião de aprofundar mais esta questão.

Os estudos das ciências psíquicas é o mais importante do que hoje podeis fazer. O novo instrumento de pesquisa que deveis desenvolver e que está naturalmente se desenvolvendo é, de fato, vossa consciência latente. Tendes olhado bastante fora de vós; agora, deveis resolver o problema de vós mesmos, e tereis resolvido os outros problemas. Acostumais, desde já, o vosso pensamento a seguir esta nova ordem de idéias e, se souberdes transferir o centro de vossa personalidade para essas estratificações profundas, verificareis surgirem em vós sentidos novos, uma percepção anímica, uma faculdade de visão direta que não mais do que aquela intuição de que vos tenho falado. Purificai-vos moralmente, afinai a sensibilidade do instrumento, que sois vós mesmos, e, só então, podereis ver.

Os que absolutamente não sentem estas coisas, os que não estão maduros, fiquem de lado; voltem, mesmo, a envolver-se na lama de suas baixas aspirações e não procurem o conhecimento. Este é prêmio concedido somente a quem o tenha duramente merecido.”

A grande maioria dos protótipos psicológicos são dotados de habilidades sensitivas naturais, explícitas ou implícitas. No primeiro caso a sensibilidade funciona como meio e fim; no segundo ela não é necessariamente essencial, pois a habilidade pessoal dispensa o contato e o uso da fenomenologia. É o caso, por exemplo, do Mahatma Gandhi, cuja inteligência intuitiva dispensava qualquer artifício mediúnico exterior que pudesse entrar em conflito com a sua proposta de humildade e naturalidade absolutas. Seu sexto sentido, sempre muito aguçado, o conduzia irresistivelmente para a exemplificação de suas idéias já que o seu grande inimigo não era o ceticismo, mas a violência, o orgulho e a arrogância. Nesse caso o fenômeno mediúnico tornou-se dispensável, pois o problema era exatamente o contrário, isto é, o excesso de crença e de ideologia; daí a sua opção estratégica por um aspecto que ele mais se impressionou com o cristianismo: o constante exemplo de tranqüilidade e mansuetude de Jesus. É, sem dúvida, o caso de dimensão psicológica que mais chama a atenção em nosso tempo, tanto pelas suas características incomuns como pela sua repercussão mundial. O grau de consciência do Mahatma revelou uma curiosa inter-relação de identidade de conceitos, tornando-o uma prova viva da universalidade ou do caráter cósmico que orienta a experiência humana. Gandhi é tornou-se unanimidade entre todas religiões e filosofias humanistas e que pregam a tolerância. Para o pastor protestante Martin Luther King, que seguiu seus passos com fé e coerência, ele era um exemplo de heroísmo bíblico à altura de um Abraão ou de um Moisés; para os católicos um caso típico de Santidade; para os budistas, um Iluminado; para os hinduístas, um raro Avatar; para os espíritas, um Espírito Superior cujas dissertações poderiam constar em qualquer um dos capítulos do Evangelho de Allan Kardec ou nas respostas e comentários de “O Livro dos

Espíritos”. Gandhi é o próprio paradoxo: ele é a religião e a filosofia de vida que almejamos e ao mesmo tempo a negação da religião e da filosofia que praticamos. Seu brutal assassinato é outra prova de como o seu modo de vida e de ver as coisas causavam repugnância e ódio ao Homem Biológico que ainda insistimos em conservar em nosso íntimo. Gandhi ainda é o Homem do Futuro.

O PENSAMENTO VIVO DE GANDHI

1. O desejo sincero e profundo do coração é sempre realizado; em minha própria vida tenho sempre verificado a certeza disto.

2. Creio poder afirmar, sem arrogância e com a devida humildade, que a minha mensagem e os meus métodos são válidos, em sua essência, para todo o mundo.

3. Acho que vai certo método através das minhas incoerências. Creio que há uma coerência que passa por todas as minhas incoerências assim como há na natureza uma unidade que permeia as aparentes diversidades.

4. As enfermidades são os resultados não só dos nossos atos como também dos nossos pensamentos.

5. Satyagraha - a força do espírito - não depende do número; depende do grau de firmeza.

6. Satyagraha e Ahimsa são como duas faces da mesma medalha, ou melhor, como as duas cades de um pequeno disco de metal liso e sem incisões. Quem poderá dizer qual é a certa? A não-violência é o meio. A Verdade, o fim.

7. A minha vida é um Todo indivisível, e todos os meus atos convergem uns nos outros; e todos eles nascem do insaciável amor que tenho para com toda a humanidade.

8. Uma coisa lançou profundas raízes em mim: a convicção de que a moral é o fundamento das coisas, e a verdade, a substância de qualquer moral. A verdade tornou-se meu único objetivo. Ganhou importância a cada dia. E também a minha definição dela se foi constantemente ampliando.

9. Minha devoção à verdade empurrou-me para a política; e posso dizer, sem a mínima hesitação, e também com toda a humildade que, não entendem nada de religião aqueles que afirmam que ela nada tem a ver com a política.

10. A minha preocupação não está em ser coerente com as minhas afirmações anteriores sobre determinado problema, mas em ser coerente com a verdade.

11. O erro não se torna verdade por se difundir e multiplicar facilmente. Do mesmo modo a verdade não se torna erro pelo ato de ninguém a ver.

12. O amor é a força mais abstrata, e também a mais potente, que há no

mundo.

13. O Amor e a verdade estão tão unidos entre si que é praticamente impossível separá-los. São como duas faces da mesma medalha.

14. O ahimsa (amor) não é somente um estado negativo que consiste em não fazer o mal, mas também um estado positivo que consiste em amar, em fazer o bem a todos, inclusive a quem faz o mal.

15. O ahimsa não é coisa tão fácil. É mais fácil dançar sobre uma corda que sobre o fio da ahimsa.

16. Só podemos vencer o adversário com o amor, nunca com o ódio.

17. A única maneira de castigar quem se ama é sofrer em seu lugar.

18. É o sofrimento, e só o sofrimento, que abre no homem a compreensão interior.

19. Unir a mais firme resistência ao mal com a maior benevolência para com o malfeitor. Não existe outro modo de purificar o mundo.

20. A minha natural inclinação para cuidar dos doentes transformou-se aos poucos em paixão; a tal ponto que muitas vezes fui obrigado a descuidar o meu trabalho. . .

21. A não-violência é a mais alta qualidade de oração. A riqueza não pode consegui-la, a cólera foge dela, o orgulho devora-a, a gula e a luxúria ofuscam-na, a mentira a esvazia, toda a pressão não justificada a compromete.

22. Não-violência não quer dizer renúncia a toda forma de luta contra o mal. Pelo contrário. A não-violência, pelo menos como eu a concebo, é uma luta ainda mais ativa e real que a própria lei do talião - mas em plano moral.

23. A não-violência não pode ser definida como um método passivo ou inativo. É um movimento bem mais ativo que outros e exige o uso das armas. A verdade e a não-violência são, talvez, as forças mais ativas de que o mundo dispõe.

24. Para tornar-se verdadeira força, a não-violência deve nascer do espírito.

25. Creio que a não-violência é infinitamente superior à violência, e que o perdão é bem mais viril que o castigo...

26. A não-violência, em sua concepção dinâmica, significa sofrimento consciente. Não quer absolutamente dizer submissão humilde à vontade do malfeitor, mas um empenho, com todo o ânimo, contra o tirano. Assim um só indivíduo, tendo como base esta lei, pode desafiar os poderes de um império injusto para salvar a própria honra, a própria religião, a própria alma e adiantar as premissas para a queda e a regeneração daquele mesmo império.

27. *O método da não-violência pode parecer demorado, muito demorado, mas eu estou convencido de que é o mais rápido.*

28. *Após meio século de experiência, sei que a humanidade não pode ser libertada senão pela não-violência. Se bem entendi, é esta a lição central do cristianismo.*

29. *Só se adquire perfeita saúde vivendo na obediência às leis da Natureza. A verdadeira felicidade é impossível sem verdadeira saúde, e a verdadeira saúde é impossível sem rigoroso controle da gula. Todos os demais sentidos estarão automaticamente sujeitos a controle quando a gula estiver sob controle. Aquele que domina os próprios sentidos conquistou o mundo inteiro e tornou-se parte harmoniosa da natureza.*

30. *A civilização, no sentido real da palavra, não consiste na multiplicação, mas na vontade de espontânea limitação das necessidades. Só essa espontânea limitação acarreta a felicidade e a verdadeira satisfação. E aumenta a capacidade de servir.*

31. *É injusto e imoral tentar fugir às conseqüências dos próprios atos. É justo que a pessoa que come em demasia se sinta mal ou jejue. É injusto que quem cede aos próprios apetites fuja às conseqüências tomando tônicos ou outros remédios. É ainda mais injusto que uma pessoa ceda às próprias paixões animalescas e fuja às conseqüências dos próprios atos.*

A Natureza é inexorável, e vingará-se completamente de uma tal violação de suas leis.

32. *Aprendi, graças a uma amarga experiência, a única suprema lição: controlar a ira. E do mesmo modo que o calor conservado se transforma em energia, assim a nossa ira controlada pode transformar-se em uma função capaz de mover o mundo. Não é que eu não me ire ou perca o controle. O que eu não dou é campo à ira. Cultivo a paciência e a mansidão e, de uma maneira geral, consigo. Mas quando a ira me assalta, limito-me a controlá-la. Como consigo? É um hábito que cada um deve adquirir e cultivar com uma prática assídua.*

33. *O silêncio já se tornou para mim uma necessidade física espiritual. Inicialmente escolhi-o para aliviar-me da depressão. A seguir precisei de tempo para escrever. Após havê-lo praticado por certo tempo descobri, todavia, seu valor espiritual. E de repente dei conta de que eram esses momentos em que melhor podia comunicar-me com Deus. Agora sinto-me como se tivesse sido feito para o silêncio.*

34. *Aqueles que têm um grande autocontrole, ou que estão totalmente absortos no trabalho, falam pouco. Palavra e ação juntas não andam bem. Repare na natureza: trabalha continuamente, mas em silêncio.*

35. *Aquele que não é capaz de governar a si mesmo, não será capaz de*

governar os outros.

36. Quem sabe concentrar-se numa coisa e insistir nela como único objetivo, obtém, ao cabo, a capacidade de fazer qualquer coisa.

37. A verdadeira educação consiste em pôr a descoberto ou fazer atualizar o melhor de uma pessoa. Que livro melhor que o livro da humanidade?

38. Não quero que minha casa seja cercada por muros de todos os lados e que as minhas janelas esteja tapadas. Quero que as culturas de todos os povos andem pela minha casa com o máximo de liberdade possível.

39. Nada mais longe do meu pensamento que a idéia de fechar-me e erguer barreiras. Mas afirmo, com todo respeito, que o apreço pelas demais culturas pode convenientemente seguir, e nunca anteceder, o apreço e a assimilação da nossa. (...) Um aprendizado acadêmico, não baseado na prática, é como um cadáver embalsamado, talvez para ser visto, mas que não inspira nem nobilita nada. A minha religião proíbe-me de diminuir ou desprezar as outras culturas, e insiste, sob pena de suicídio civil, na necessidade de assimilar e viver a vida.

40. Ler e escrever, de per si, não são educação. Eu iniciaria a educação da criança, portanto, ensinando-lhe um trabalho manual útil, e colocando-a em grau de produzir desde o momento em que começa sua educação. Desse modo todas as escolas poderiam tornar-se auto-suficientes, com a condição de o Estado comprar os manufaturados.

Acredito que um tal sistema educativo permitira o mais alto desenvolvimento da mente e da alma. É preciso, porém, que o trabalho manual não seja ensinado apenas mecanicamente, como se faz hoje, mas cientificamente, isto é, a criança deveria saber o porquê e o como de cada operação.

Os olhos, os ouvidos e a língua vêm antes da mão. Ler vem antes de escrever e desenhar antes de traçar as letras do alfabeto.

Se seguirmos este método, a compreensão das crianças terá oportunidade de se desenvolver melhor do que quando é freada iniciando a instrução pelo alfabeto.

41. Odeio o privilégio e o monopólio. Para mim, tudo o que não pode ser dividido com as multidões é "tabu".

42. A desobediência civil é um direito intrínseco do cidadão. Não ouse renunciar, se não quer deixar de ser homem. A desobediência civil nunca é seguida pela anarquia. Só a desobediência criminal com a força. Reprimir a desobediência civil é tentar encarcerar a consciência.

43. Todo aquele que possui coisas de que não precisa é um ladrão.

44. Quem busca a verdade, quem obedece a lei do amor, não pode estar preocupado com o amanhã.

45. *As divergências de opinião não devem significar hostilidade. Se fosse assim, minha mulher e eu deveríamos ser inimigos figadais. Não conheço duas pessoas no mundo que não tenham tido divergências de opinião. Como seguidor da Gita (Bhagavad Gita), sempre procurei nutrir pelos que discordam de mim o mesmo afeto que nutro pelos que me são mais queridos e vizinhos.*

46. *Continuarei confessando os erros cometidos. O único tirano que aceito neste mundo é a "silenciosa e pequena voz" dentro de mim. Embora tenha que enfrentar a perspectiva de formar minoria de um só, creio humildemente que tenho coragem de encontrar-me numa minoria tão desesperadora.*

47. *Nas questões de consciência a lei da maioria não conta.*

48. *Estou firmemente convencido que só se perde a liberdade por culpa da própria fraqueza.*

49. *Acredito na essencial unidade do homem, e, portanto na unidade de tudo o que vive. Por conseguinte, se um homem progredir espiritualmente, o mundo inteiro progride com ele, e se um homem cai, o mundo inteiro cai em igual medida.*

50. *Minha missão não se esgota na fraternidade entre os indianos. A minha missão não está simplesmente na libertação da Índia, embora ela absorva, em prática, toda a minha vida e todo o meu tempo. Por meio da libertação da Índia espero atuar e desenvolver a missão da fraternidade dos homens. O meu patriotismo não é exclusivo. Engloba tudo. Eu repudiaria o patriotismo que procurasse apoio na miséria ou na exploração de outras nações. O patriotismo que eu concebo não vale nada se não se conciliar sempre, sem exceções, com o maior bem e a paz de toda a humanidade.*

51. *A mulher deve deixar de se considerar o objeto da concupiscência do homem. O remédio está em suas mãos mais que nas mãos do homem.*

52. *Uma vida sem religião é como um barco sem leme.*

53. *A fé - um sexto sentido - transcende o intelecto sem contradizê-lo.*

54. *A minha fé, nas densas trevas, resplandece mais viva.*

55. *Somente podemos sentir deus destacando-nos dos sentidos.*

56. *O que eu quero alcançar, o ideal que sempre almejei com sofreguidão (...) é conseguir o meu pleno desenvolvimento, ver Deus face-a-face, conseguir a libertação do Eu.*

57. *Orar não é pedir. Orar é a respiração da alma.*

58. *A oração salvou-me a vida. Sem a oração teria ficado muito tempo sem fé. Ela salvou-me do desespero. Com o tempo a minha fé aumentou e a*

necessidade de orar tornou-se mais irresistível... A minha paz muitas vezes causa inveja. Ela vem-me da oração. Eu sou um homem de oração. Como o corpo se não for lavado fica sujo, assim a alma sem oração se torna impura.

59. O Jejum é a oração mais dolorosa e também a mais sincera e compensadora.

60. O Jejum é uma arma potente. Nem todos podem usá-la.

Simples resistência física não significa aptidão para jejum.

O Jejum não tem absolutamente sentido sem fé em Deus.

61. Para mim nada mais purificador e fortificante que um jejum.

62. Os meus adversários serão obrigados a reconhecer que tenho razão.

A verdade triunfará. . . Até agora todos os meus jejuns foram maravilhosos: não digo em sentido material, mas por aquilo que acontece dentro de mim.

É uma paz celestial.

63. Jejum para purificar a si mesmo e aos outros é uma antiga regra que durará enquanto o homem acreditar em Deus.

64. Tenho profunda fé no método de jejum particular e público. . . Sofrer mesmo até a morte, e, portanto mesmo mediante um jejum perpétuo, e a arma extrema do satyagrahi. É o último dever que podemos cumprir. O Jejum faz parte de meu ser, como acontece, em maior ou menor escala, com todos os que procuraram a verdade. Eu estou fazendo uma experiência de ahimsa em vasta escala, uma experiência talvez até hoje desconhecida pela história.

65. Quem quer levar uma vida pura deve estar sempre pronto para o sacrifício.

66. O dever do sacrifício não nos obriga a abandonar o mundo e a retirar-nos para uma floresta, e sim a estar sempre prontos a sacrificar-nos pelos outros.

67. Quem venceu o medo da morte venceu todos os outros medos.

68. Os louvores do mundo não me agradam; pelo contrário, muitas vezes me entristecem.

69. Quando ouço gritar Mahatma Gandhi Ki jai, cada som desta frase me transpassa o coração como se fosse uma flecha. Se pensasse, embora por um só instante, que tais gritos podem merecer-me o swaraj; conseguiria aceitar o meu sofrimento. Mas quando constato que as pessoas perdem tempo e gastam energias em aclamações vãs, e passam ao longo quando se trata de trabalho, gostaria que, em vez de gritarem meu nome, me acendessem uma pira fúnebre, na qual eu pudesse subir para apagar uma vez por todas o fogo que arde o coração.

70. *Uma civilização é julgada pelo tratamento que dispensa às minorias.*

71. *Sei por experiência que a castidade é fácil para quem é senhor de si mesmo.*

72. *O brahmacharya é o controle dos sentidos no pensamento, nas palavras, e na ação. . . O que a ele aspira não deixará nunca de ter consciência de suas faltas, não deixará nunca de perseguir as paixões que se aninham ainda nos ângulos escuros de seu coração, e lutará sem trégua pela total libertação.*

73. *O brahmacharya, como todas as outras regras, deve ser observado nos pensamentos, nas palavras e nas ações. Lemos na Gita e a experiência confirma-no-lo todos os dias que quem domina o próprio corpo, mas alimenta maus pensamentos faz um esforço vão. Quando o espírito se dispersa, o corpo inteiro, cedo ou tarde, o segue na perdição.*

74. *Por vezes pensa-se que é muito difícil, ou quase impossível conservar castidade. O motivo desta falsa opinião é que freqüentemente, a palavra castidade é entendida em sentido limitado demais.*

Pensa-se que a castidade é o domínio das paixões animais. Esta idéia de castidade é incompleta e falsa.

75. *Vivo pela libertação da Índia e morreria por ela, pois é parte da verdade.*

Só uma Índia livre pode adorar o Deus verdadeiro. Trabalho pela libertação da Índia porque o meu Swadeshi me ensina que, tendo nascido e herdado sua cultura, sou mais apto a servir à Índia e ela tem prioridade de direitos aos meus serviços. Mas o meu patriotismo não é exclusivo; não tem por meta apenas não fazer mal a ninguém, mas fazer bem a todos no verdadeiro sentido da palavra. A libertação da Índia, como eu a concebo, não poderá nunca constituir ameaça para o mundo.

76. *Possuo a não-violência do corajoso? Só a morte dirá. Se me matarem e eu com uma oração nos lábios pelo meu assassino e com o pensamento em Deus, ciente da sua presença viva no santuário do meu coração, então, e só então, poder-se-á dizer que possuo a não-violência do corajoso.*

77. *Não desejo morrer pela paralisação progressiva das minhas faculdades, como um homem vencido. A bala de meu assassino poderia pôr fim à minha vida. Acolhê-la-ia com alegria.*

78. *A regra de ouro consiste em sermos amigos do mundo e em considerarmos como uma toda a família humana. Quem faz distinção entre os fiéis da própria religião e os de outra, deseduca os membros da sua religião e abre caminho para o abandono, a irreligião.*

79. *A força de um homem e de um povo está na não-violência. Experimentem.*

80 .A única maneira de castigar quem se ama é sofrer em seu lugar."

80. Não violência é a lei de nossa espécie como violência é a lei do bruto. O espírito mente dormente no bruto, e ele não sabe nenhuma lei mas o de poder físico. A dignidade de homem requer obediência a uma lei mais alta - a força do espírito".

81. Se o homem só perceberá que é desumano obedecer leis que são injustas, a tirania de nenhum homem o escravizará".

82. Não pode haver nenhuma paz dentro sem verdadeiro conhecimento. Para autodefesa, eu restabeleceria a cultura espiritual. O melhor e autodefesa mais duradoura é auto-purificação ".

Mas como atingir esse grau de maturidade? Quando e em que época humanidade terá entre seus membros e presente nas suas diversas culturas essas características de um novo ser? Certamente essa mudança também ocorrerá no meio ambiente: um novo ser humano viverá em um novo mundo, uma sociedade diferente daquela que vinha sendo desenvolvida há séculos e que está dando os seus últimos suspiros no planeta. As aristocracias da força e dos privilégios, que dominaram nos primeiros milênios da experiência humana já esgotaram suas possibilidades de satisfazer as necessidades sociais e desafios que se apresentam no próximo milênio. Não existe mais espaço para as desigualdades porque já foi apontado o rumo do respeito pelas diferenças; não há mais clima para as guerras e para violência porque já aprendemos o caminho da aceitação e solidariedade; já não há mais justificativa para os tormentos pessoais, para as fugas e auto-destruição porque já alcançamos a capacidade da auto-ajuda e do conforto do auto-equilíbrio; não há mais a necessidade das tragédias existenciais familiares, da dor e da morte do corpo porque já estamos desvendando os segredos técnicos e genéticos e diverso conhecimentos que nos conduzem em caminho seguros e satisfatórios no campo da saúde e do destino.

Nas últimas décadas do século XX pairava entre nós a dúvida e a incerteza sobre o futuro da humanidade. Nos anos 70 e 80 não víamos no horizonte senão a escura perspectiva da degeneração e de uma catástrofe nuclear. O sonho de paz e amor dos hippies foi sendo massacrado pela ambição desmedida dos jovens yuppies; a liberdade sexual e as experiências aparentemente inofensivas do psicodelismo resultaram na devastação causada pela cocaína e pela AIDS; uma sucessão de guerras e revoluções no jogo da Guerra Fria das superpotências, bem como a gana capitalista colocaram em risco não só o meio ambiente , mas a própria existência do planeta tal a irresponsabilidade no uso dos recursos naturais e na disputa armamentista. Vivíamos naqueles terríveis anos de medo e ansiedade, antes da globalização, um clima de apocalipse. O mundo realmente estava acabando e poucas foram as vozes serenas que se arriscaram a dar opiniões sobre o que estava acontecendo ser correr o risco de serem acusados de falsa profecia e de espírito de seita ou dos gurus. Nesses momentos de insegurança e de falta de rumos, as ficções científicas e também as utopias brotam nos jardins da esperança. Velhos autores da antiguidade clássica e da renascença; utópicos

socialistas e visionários do século XIX; todos reaparecem nas estantes, no cinema e nas séries da TV. Verne, Huxley, Assimov, Mac-Luhan, Tagore, Einstein, Gandhi, King, Rogers, Morin, Rohden e muitos outros , se misturam num grande diversidade de conhecimentos e experiências e fazem o papel dos antigos profetas bíblicos. Eles dão notícias de uma época distante, do tempo relativo, da possibilidade do vir a ser. Por isso são compreensivelmente devorados pelos famintos do alimento futuro. Nem tudo está perdido. Há luz no fim do túnel e vida intensa para ser vivida nos próximos mil anos.

Referências:

[30] Editora Lake, 6ª edição, São Paulo, 1950. Tradução de Mário Corboli.

Artigo Reproduzido com Autorização do Autor